

Reciprocidade, reconhecimento e sofrimento: Mobilizadores políticos no Timor-Leste independente

Kelly Silva¹

Meu objetivo neste texto é discutir alguns dos valores que têm sido mobilizados como fonte de legitimidade política em Timor-Leste desde a restauração da independência. Utilizo como âncora analítica as atividades de campanha realizadas no âmbito do primeiro turno das eleições presidenciais que ocorreram no país em abril de 2007 as quais, oportunamente, são colocadas em perspectiva com outros momentos de embate político. Por meio da observação etnográfica de fenômenos eleitorais – comícios, programas em rádio e televisão, cobertura jornalística – busco identificar alguns dos princípios morais e sociológicos sobre os quais a autoridade política moderna é reivindicada no país pelos diferentes grupos de suas elites. Entre outras coisas, destaco a centralidade do papel dos veteranos das FALINTIL (Forças Armadas de Libertação de Timor-Leste) neste campo. Este fato, associado à discussão das performances públicas dos vários candidatos durante a campanha, é tomado como um indicador da precedência que idéias-valores como sofrimento, reconhecimento e reciprocidade ocupam no repertório da cultura política timorense contemporânea. Lanço ainda uma hipótese sobre os mecanismos pelos quais a capilarização de instituições modernas, como partidos políticos e o Estado-nação, tem se dado no país: por meio de alianças entre as elites urbanas cosmopolitas, sediadas em Dili, e autoridades locais, mediadas pelos veteranos da resistência².

O texto está estruturado em três partes. Primeiramente, apresento certos traços da atmosfera social e institucional na qual as eleições presidenciais se deram, indicando os protagonistas das disputas observadas. Passo, a seguir, à discussão da campanha, por meio da análise de certos aspectos de seu *modus operandi* e dos conteúdos simbólicos nela mobilizados. Dialogo então com trabalhos que abordam outros processos eleitorais em Timor-Leste (Hohe 2002; Seixas 2006; MacWilliam & Bexley 2008), bem como com certos aspectos das disputas políticas que ocorreram em Timor em 2005 e 2006. Por fim, encerro minha argumentação propondo algumas interpretações para o resultado das eleições presidenciais e parlamentares de 2007.

Contextos

O acesso à Presidência da República de Timor-Leste em 2007 foi disputado entre oito candidatos³: Francisco Guterrez Lu Olo (FRETILIN); Avelino Coelho (Partido Socialista Timorense - PST); Manuel Tilman (Klibur Timor Oan Aswa' in - KOTA); Xavier do Amaral (Associação Social Democrata Timorense – ASDT); Lúcia Lobato (Partido Social Democrata - PSD); José Ramos Horta (candidato independente); João Carrascalão (União Democrática Timorense - UDT) e Fernando de Araújo Lasama (Partido Democrático - PD).

A apresentação das candidaturas e realização das campanhas se deu em um clima político marcado pela instabilidade legada pela crise política e social de 2006. Campos de refugiados; forças

¹ Universidade de Brasília- Brasil. Um versão expandida e mais densa do presente artigo encontra-se publicada em língua inglesa no periódico *Virtual Brazilian Anthropology*, disponível no seguinte endereço http://www.vibrant.org.br/downloads/v5n2_silva.pdf. Agradeço os comentários recebidos durante a conferência, bem como as leituras atentas dos colegas Daniel Simião, Frédéric Durand, Christine Cabasset-Semedo, Rui Miguel Pinto, Roque Rodrigues e Wilson Trajano Filho.

² Este texto é produto dos projetos de pesquisa intitulados “A nação em urnas: projetos civilizatórios em disputa no contexto pós-colonial timorense” e “Traduzindo a cultura, cultura da tradução: a negociação cultural como patrimônio central em Timor-Leste”, financiados, respectivamente, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil, e Fundação de Ciência e Tecnologia (FCT), Portugal.

³ É interessante notar que, em 2002, somente duas pessoas se candidataram à Presidência da República: Xavier do Amaral e Xanana Gusmão. O significado do importante aumento do número de candidaturas pode indicar algo sobre a pulverização da liderança política no país.

militares internacionais lideradas pela Austrália nas ruas; desertores armados da Polícia Nacional de Timor-Leste (PNTL) e das FALINTIL- Forças de Defesa de Timor-Leste (F-FDTL) nas montanhas; ações organizadas de grupos de artes marciais; crise no abastecimento de arroz; ausência de forças policiais locais; entre outros, eram alguns dos elementos que compunham o contexto das disputas eleitorais no país, gerando uma sensação de medo e insegurança em grande parte da população, à diferença do que indicam McWilliam & Bexley (2008).

Tecnicamente, as eleições foram realizadas pelas Nações Unidas, com o apoio do Secretariado Técnico de Administração Eleitoral (STAE) – órgão nacional ligado ao Ministério da Administração Estatal timorense - e fiscalização da Comissão Nacional Eleitoral (CNE), instituição independente do Estado local. Os resultados das eleições eram ratificados pelo Tribunal de Recurso. Oficialmente, a campanha presidencial para o primeiro turno das eleições ocorreu entre 23 de março e 4 de abril. Contudo, ela teve início meses antes, quando lideranças dos diversos partidos passaram a disputar e reorganizar suas bases em busca de apoio, processos estes que eram coroados por eventos denominados *consolidação partidária*.

Campanha: Biografias e genealogias

Em grande parte dos veículos de campanha, observava-se uma maneira comum de apresentar os candidatos à população: descrevia-se a história de vida dos mesmos por meio da apresentação de suas respectivas biografias, compartimentadas em pelo menos quatro momentos/categorias comuns: 1) educação formal; 2) atividades na resistência; 3) experiência profissional; 4) trajetória política no período pós-independência. As biografias eram divulgadas em todas as atividades de campanha, oral ou graficamente. Sugiro que tal enredo biográfico indica as condições mínimas que qualificavam socialmente os sujeitos a serem reconhecidos como aptos para o exercício de funções políticas modernas na cultura política local, quais sejam: 1) participação na resistência à ocupação indonésia; 2) formação escolar formal; 3) experiência política e, em alguma medida; 4) experiência profissional significativa.

Era comum, ainda, a identificação das *casas* de origem dos candidatos nos atos de campanha. No caso de Manuel Tilman e Xavier do Amaral esta informação era sempre colocada em relevo, dado o fato de que ambos descendem de *casas rituais* de significativa importância no território.⁴ Candidatos como Lu Olo, Lasama ou Lúcia Lobato destacavam suas origens autóctones, de verdadeiros timorenses, em oposição àqueles chamados de mestiços, como Ramos Horta e João Carrascalão, filhos de pais portugueses e mães timorenses. A oposição entre *mestiço/estrangeiro* e *timorense puro*, tão operante durante a colonização portuguesa, era assim explorada politicamente pelos candidatos.

Retóricas de Dor & Sofrimento

Outro traço comum na performance dos candidatos em campanha era a referência constante ao sofrimento (*terus*) e dificuldades (*susar*) dos timorenses, no passado e no presente. Em suas respectivas retóricas, o compartilhar do sofrimento era o que irmanava os eleitores como uma comunidade política particular, os instituindo mesmo como *timorenses*. Testemunhos e imagens de martírio e carestia se faziam presentes em vários atos de campanha, discursivamente ou mediante a própria constituição dos palanques, nos quais os ex-guerrilheiros das FALINTIL tinham papel cativo.

O vídeo intitulado *O levante dos mauberes (Maubere oan sira hamrik ba)*, por exemplo, foi uma das principais peças de campanha da FRETILIN. Em grande parte de seu enredo eram exibidas imagens do sofrimento da população timorense durante a colonização portuguesa e ocupação indonésia. Lúcia Lobato, por sua vez, em seu discurso no rádio, se referia aos seus potenciais eleitores como ‘povo sofrido de Timor-Leste’.

A evocação do sofrimento aparecia nas campanhas em associação com demandas por correto reconhecimento, de que o voto seria expressão. Neste contexto, os candidatos procuravam objetificar suas respectivas trajetórias de sacrifício e dor, sobretudo no período da ocupação indonésia, como um capital simbólico que os tornavam prenes de *dignidade*, a qual os habilitava a receber a confiança (*fiar*) e os votos dos eleitores. No entanto, mais do que isso, os candidatos repetiam intermitentemente *reconhecer o*

⁴ Manuel Tilman é da casa *Biluha*, de Maubisse, Ainaro.

sofrimento do povo. Nesses contextos, Timor-Leste emergia, sobretudo, como uma comunidade política de sofrimento.

A articulação destes dois temas (sofrimento e reconhecimento), é, já há algum tempo, estruturante na dinâmica política nacional local. Nas eleições de 2001, a história de empenho e martírio na resistência era o principal argumento explorado por diferentes forças políticas para ascender à Assembleia Constituinte (Seixas 2006, 338; Hohe 2002, 75). Em 2005, diante do projeto do governo de tornar o ensino religioso uma disciplina optativa, a alta hierarquia da Igreja Católica em Timor-Leste apresentou sua instituição como a verdadeira depositária do martírio da população durante a ocupação indonésia. Nesse contexto, procurava-se enfraquecer a proposta do governo sugerindo-se que o grupo que nele tinha mais poder, os retornados de Moçambique sob a chefia de Mari Alkatiri, não tinham sofrido junto com o povo e era, portanto, um *mau pagador* (Silva 2007).

A questão do sofrimento experimentado durante a ocupação indonésia é, também, uma das principais fontes de sentido da oposição entre os *de fora* (retornados das diásporas timorenses) e os *de dentro* (aqueles que experimentaram cotidianamente a administração javanesa), tal como interpretada pelos últimos, sendo explorada politicamente para diminuir a legitimidade dos retornados nas mais diferentes esferas sociais pelo fato dos mesmos pretensamente não terem se sacrificado nos anos da ocupação.

Sabe-se, também, que parte da crise política de 2006 foi desencadeada por protestos de aproximadamente um terço do contingente das F-FDTL, formado por homens de origem *loromonu*⁵. Os peticionários – como foram denominados *a posteriori* – afirmavam ser vítimas de discriminação no interior da corporação. Relatavam então que parte de seus colegas e comandantes superiores – de origem *lorosa'e* – afirmavam que os *loromonu* não tinham lutado – e sofrido – tanto quanto os *lorosa'e* pela independência, o que pretensamente justificava o acesso restrito a promoções na carreira para os *loromonu*, entre outras coisas. Na seqüência da crise, Xanana e seus apoiadores utilizaram como mobilizadores políticos contra a FRETILIN o fato de sua liderança ser constituída por muitos que não partilharam os ‘anos de sofrimento’ com os timorenses.⁶

Vemos, pois, que demandas por reconhecimento e denúncias de sua negação, a desconsideração, têm se feito presentes de forma intensa na dinâmica política timorense recente, sendo utilizadas politicamente para fortalecer alguns grupos e enfraquecer outros. As definições atribuídas a esses termos, tal como elaboradas por Cardoso Oliveira (2007) têm se mostrado extremamente férteis para ampliar a compreensão da configuração dos discursos que estruturam as disputas políticas em Timor-Leste. Apreendida por parte dos sujeitos sociais como um tipo de insulto moral, a desconsideração é caracterizada pelo autor como uma atitude de distanciamento ou ausência de deferência à identidade de um interlocutor, a qual condiciona o acesso do mesmo a determinados direitos.

No contexto leste-timorense, as denúncias de desconsideração são articuladas no espaço público pela evocação da idéia de que não haveria um reconhecimento equânime, que leve em conta os diversos tipos de engajamento e compromisso de diferentes atores sociais na luta pela independência, no processo de reconstrução do país. Assim, sugere-se que aqueles que menos sofreram com a ocupação, estariam sendo de alguma forma privilegiados em detrimento dos mais martirizados que deveriam ser devidamente recompensados. Nesse contexto, cabe lembrar que na sensibilidade jurídica local a justiça é voltada para promover a compensação e o restabelecimento do equilíbrio entre partes em disputa.

⁵ Os termos *Loromonu* (*pôr do sol*) e *Lorosa'e* (*nascer do sol*) são topônimos referentes a duas grandes regiões nas quais o território leste-timorense está imaginariamente dividido, respectivamente, Oeste e Leste. Tais denominações regionais se impõem, circunstancialmente, sobre as identidades dos indivíduos, sendo utilizadas como um indicador de *ethos* distintos e opostos. São considerados *Lorosa'e/Firakus* os indivíduos nascidos nos distritos que compõem a região leste do país (Viqueque, Lautem e Baucau) e que são tidos, grosso modo, como mais extrovertidos. Por oposição, são denominados de *Loromonu/Kaladi* os indivíduos nascidos nos 10 distritos que compõem a região Oeste do país, os quais são imaginados como taciturnos, tímidos, calados. Para uma discussão sobre a respeito do processo de politização da oposição entre *lorosa'e/firaku* e *loromonu/kaladi* ver Silva, 2008.

⁶ A expressão “anos de sofrimento” foi utilizada pelo colega Benjamin Corte Real, reitor da UNTL para se referir ao período da ocupação indonésia.

Maromak & Matebians

A questão da adesão e da prática religiosa era correntemente evocada nas campanhas eleitorais. Grosso modo, todos os candidatos cultivavam a imagem de ‘bons cristãos’ para conquistar a confiança da população. Na pragmática ritual da política timorense do período, a presença mais ou menos explícita da liturgia cristã e católica era generalizada. Muitos eventos de campanha começavam e terminavam com uma oração, repetindo o padrão identificado por Seixas (2006) nas eleições de 2001.

Ramos Horta, por exemplo, foi um dos candidatos que mais explorou imagens religiosas em sua campanha, a começar por sua indumentária. Em suas atividades públicas como candidato, ele aparecia vestido com uma camiseta com o rosto de Jesus Cristo. Entre o seu material de campanha figuravam cartazes com fotos dele ao lado do Bispo D. Ximenes Belo e do Papa Bento XVI, sobre as quais estava estampada a seguinte frase: ‘Vote em Ramos Horta’. Lúcia Lobato, por sua vez, pagava pela celebração de missas em ação de graças a sua candidatura nas sedes de distritos e subdistritos quando se aproximava a data de seu comício na localidade.

O compromisso de parceria e boas-relações com a Igreja Católica em Timor-Leste fazia parte do rol de promessas de todos os candidatos e a relação entre certas políticas do Estado e práticas religiosas foi politizada durante o período eleitoral, antes mesmo do início oficial da campanha. Nomeadamente, os acordos de cooperação educacional com o governo cubano, mediante o qual estavam a ser formados aproximadamente 700 médicos timorenses, foram alvo de inúmeras críticas.

Maromak (Deus) e os *Matebians* (os espíritos dos mortos) eram muitas vezes evocados nos atos de campanha, numa sobreposição clara das cosmologias autóctones e dos vínculos de pertença ao Estado-nação. Os vínculos de pertença institucional dos ‘heróis da libertação’ já mortos eram celebrados recorrentemente pela FRETILIN e a resistência apresentada como um legado exclusivo deste partido. A FRETILIN apresentava-se como a única depositária da história de resistência da população, como símbolo de sua luta pela libertação, prenhe de *abut* (raiz) na história do país, argumento bastante apelativo em um universo social no qual o passado e a tradição constituem valores importantes como fonte explicativa para o presente. Em contrapartida, os partidos de oposição associavam a FRETILIN à figura de Mari Alkatiri e de outros retornados de Moçambique que, tendo vivido fora do país durante a ocupação, não saberiam reconhecer o sofrimento do povo e a quem era imputada a responsabilidade pela crise política e social de 2006.

Hohe (2002) identificou argumentos idênticos na campanha da FRETILIN em 2001. Ela afirma que, naquele momento, a FRETILIN sugeria à população que o voto nela era uma maneira de prestar o devido respeito aos mortos durante a ocupação, que lutavam sob sua bandeira. O poder desse argumento deriva do fato de que, entre parte significativa da sociedade local, os mortos durante a guerra são percebidos como atores com grande poder de influência sobre a vida dos vivos, sobretudo aqueles a quem os devidos rituais fúnebres não foram prestados. Assim, o voto na FRETILIN teria sido apresentado como uma forma de deferência a esses ancestrais que, desse modo, continuariam a colaborar para a reprodução da vida social. Do contrário, os vivos poderiam ser punidos pelos *matebian*.

Ainda sobre a relação entre a FRETILIN e a resistência, durante a pesquisa em 2007 deparei-me com repetidos relatos de interlocutores que afirmavam ter votado na FRETILIN em 2001 porque não sabiam que existiam outros partidos ou por não saberem que Xanana não era da FRETILIN. Para eles, era exclusivamente sob a liderança da FRETILIN que a resistência tinha alcançado os seus objetivos. Não havia diferença, para eles, entre o Conselho Nacional da Resistência Timorense (CNRT), as FALINTIL e a FRETILIN. Assim, é digno de nota que à medida que se tornam públicas as fraturas existentes na liderança da resistência, as disputas por relações privilegiadas com os seus mártires também aumentam e as preferências eleitorais se pulverizam mais entre os vários partidos políticos existentes.

Palanques

Era bastante comum e desejada a presença de veteranos das FALINTIL ou de pessoas que tiveram papel ativo na resistência à ocupação indonésia, no interior do país, nos atos de campanha. Havia, inclusive, uma disputa entre os candidatos pelo apoio desses veteranos, os quais eram vistos como portadores de grande carisma popular em função do passado – de sofrimento – compartilhado junto ao povo ‘no mato’. Afirmava-se também que esses personagens tinham grande poder de influência sobre as autoridades

locais – chefes de suco, chefes de aldeia⁷, *lia nain* (dono da palavra)⁸, *matan dook* (olho longe)⁹ – que, por sua vez, influenciavam a escolha do voto das pessoas de sua aldeia ou suco. Os ex-guerrilheiros figuravam nos palanques como símbolos do sofrimento e da resistência que identificava eleitores e candidatos. Assim, parte da dinâmica das campanhas, como sugerem McWilliam & Bexley (2008), consistia em explorar as imagens heróicas dos líderes da resistência.

Em Aileu, em 24 de Março, o comício de Ramos-Horta contou com a presença de Cornélio Gama (L-7) e de representantes do Colimau 2000. Comentava-se ainda que Ramos Horta buscava o apoio de Vicente Rai-Lós, outro peticionário e ex-guerrilheiro, para sua campanha. Para além desses nomes, Ramos Horta contava com o apoio daquele que é conhecido como o mais ilustre ex-FALINTIL ainda vivo, o então presidente Xanana Gusmão que, por sua vez, tinha atrás de si parte importante dos veteranos condecorados pelas comissões de reconhecimento dos heróis da resistência instituídas por ele.

Nesse contexto, é importante destacar a existência de uma certa tendência entre os ex-combatentes das FALINTIL que, após a restauração da independência, entraram para a vida política-partidária do país. A partir de 1999 teriam se perfilado ao lado da FRETILIN sobretudo ex-quadros das FALINTIL de origem *Lorosa 'e*, como Lu Olo, Somotxo, entre outros, enquanto muitas das lideranças dos partidos políticos de oposição à FRETILIN, ex-quadros da resistência armada, são de origem *Loromonu*. À título de exemplo, observamos que entre as lideranças nacionais do Partido Democrático, estavam, em 2007, os ex-comandantes Dudu, Fitun, Sesurai, Decker, entre outros que, sendo de origem *Kaladi*, provavelmente influenciam na grande votação ao PD nos distritos da região oeste do país. Já com o PSD, estava *Riak Leman*, também de origem *Loromonu*. Nas eleições presidenciais, o Conselho Popular pela Defesa da República Democrática de Timor-Leste (CPD-RDTL), comandando pelo ex-guerrilheiro Oligari e com base forte na região Leste, apoiava a FRETILIN. Há, contudo, várias exceções. A Sagrada Família de L-7 (Cornélio Gama) que, no período eleitoral se transfigurou em UNDERTIN e tem sua sede em Laga/Baucau e, portando, na região *Lorosa 'e*, apoiava a candidatura de Ramos Horta, no pleito presidencial, tendo posteriormente apoiado a FRETILIN nas eleições parlamentares (MacWilliam & Bexley 2008).

Outro traço em comum se fazia presente em todos os comícios. Os candidatos à presidência eram sempre os últimos a se pronunciar no evento. Antes deles, manifestavam-se figuras de expressão local ou nacional que os apoiavam. Tudo se passava como se estas autoridades (veteranos, *lia nain*, chefes de suco ou aldeia), ao proferirem seus discursos, colocassem à disposição do candidato o seu carisma, seu prestígio, seu *mana*. Recoberto e dignificado por essas forças morais, o candidato então se manifestava.

Os eventos eleitorais nos distritos e subdistritos eram, na maioria dos casos, organizados pelas lideranças das bases de apoio local do partido, fossem eles ex-guerrilheiros, autoridades locais ou mesmo intermediários da administração estatal: chefes de suco ou aldeia. O sucesso dos comícios era em grande parte devido ao carisma das bases locais dos candidatos/partido nas distintas regiões do interior do país. De outro lado, muitas das figuras de destaque dos partidos em Díli eram ilustres desconhecidas para a população do interior. Não obstante – e justamente em razão disso – discursavam nos eventos de campanha. No comício do PD em Ermera, por exemplo, houve alocações de João Boavida, Mariano Sabino, Rui Menezes, entre outros, antes de Fernando Lasama se pronunciar. Maria Paixão, João Gonçalves, entre outros, também se manifestaram em Manatuto na campanha de Lúcia Lobato. Desse modo, lideranças políticas novas e antigas, nacionais e locais se encontravam nos palanques timorenses, fortalecendo-se, reciprocamente, em função dos recursos disponibilizados por cada uma delas para a execução dos comícios, em atos de reciprocidade difusa.

A literatura a respeito da dinâmica eleitoral na Indonésia sob o regime da *Nova Ordem* (Antlöv & Cederroth, 2004; Anderson 1990; Alagappa 1995) tem sugerido que as autoridades e lideranças locais (chefes de aldeias, de conjunto de aldeias, administradores de sub-distritos, funcionários públicos etc.)

⁷ Contemporaneamente, os chefes de aldeia e de suco são autoridades locais do Estado que operam, respectivamente, no domínio do suco (unidade administrativa formada por um conjunto de aldeias) e de cada povoação. A institucionalização de tais autoridades remete ao período da colonização portuguesa, no qual tais figuras atuavam como intermediários da administração ao nível local. Embora os chefes de suco e aldeia sejam eleitos, atualmente, por sufrágio universal, sua legitimidade para o exercício de tais funções está fortemente ancorada na hierarquia local entre as *casas* das quais são originários.

⁸ Responsável pelos processos de adjudicação locais, pela operação do direito costumeiro (*adat*).

⁹ Curandeiro local.

são feixes de articulação fundamentais do sistema político, fontes de arregimentação de votos e consolidação de hegemonia de forças políticas de escopo nacional. É, pois, a partir deste *background* histórico que certos aspectos da dinâmica política timorense contemporânea devem ser compreendidos, dado que foi sob a administração indonésia que grande parte das elites e da população timorense tomou contato com as práticas eleitorais.

Assim, a atenção à fenomenologia dos comícios nos dá algumas pistas para apreender os mecanismos pelos quais a dialética da modernização (Comaroff & Comaroff 1998) tem se dado em Timor-Leste desde a restauração da independência. Os indícios passíveis de observação nos eventos discutidos acima sugerem que esse fenômeno ocorre por meio de alianças entre as elites urbanas cosmopolitas e elites locais, mediadas e fortalecidas, reciprocamente, pelo apoio dos veteranos da resistência.

Perspectivas

A análise da práxis pública da disputa eleitoral em Timor-Leste indica que a articulação da idéia de sofrimento e de seu correto reconhecimento, mediada pela ideologia da reciprocidade (Forman 1980), é fundamental no repertório político local atual. Ela percorre as campanhas de todos os candidatos, manifestando-se estética, política e moralmente de maneira a se impor na organização do palanque, na composição de alianças – busca-se sempre o apoio de um veterano das FALINTIL – , nos discursos proferidos pelos candidatos, etc. Neste contexto, é importante lembrar que a etnologia produzida sobre as populações que habitam as fronteiras sócio-políticas do que hoje chamamos Timor-Leste destaca a centralidade dos princípios de aliança e reciprocidade em várias dimensões das dinâmicas que conformam suas vidas sociais (Fox 1980). Diante de tal perspectiva, a configuração do repertório que pauta as disputas discutidas acima pode ser tomada como um efeito de atualização desta ideologia. Nesse processo, os embates pelo acesso a instituições do Estado moderno são estruturados mediante a veiculação de valores caros ao universo das aldeias, criando condições para a reposição dos mesmos.

No entanto, tal fenômeno não se dá sem criatividade. Os resultados das eleições presidenciais e parlamentares de 2007 indicam uma regionalização das bases de apoio dos partidos políticos no país. Em ambos os pleitos, observou-se que os vários partidos de oposição à FRETILIN ganharam as eleições nos distritos que compõem a região Oeste (De Dili a Oecussi) e, portanto, *Loromonu*. Por oposição, a FRETILIN saiu vitoriosa em todos os distritos da região Leste/*Lorosa 'e* do território (Baucau, Viqueque e Lautem).

Como indiquei acima, os veteranos das FALINTIL são atores centrais nas equações políticas timorenses (Rees 2004). À luz desse fato, sugiro que a configuração desse cenário se dá em razão de, entre outras coisas, muitos dos veteranos de origem *Loromonu* que entraram para a vida política-partidária terem se ligado aos partidos que faziam oposição à FRETILIN enquanto outros veteranos, de origem *Lorosa 'e*, aderiram a esta última legenda, em um universo social orientado por expectativas de reciprocidade, no qual aqueles que sofrem devem ser recompensados. Neste contexto, o voto neste ou naquele partido, neste ou naquele candidato é tratado como um veículo de expressão de reconhecimento e de compensação pelo sofrimento vivido durante a ocupação indonésia.

Referências Bibliográficas

- Alagappa, Mutiah 1995, *Political Legitimacy in Southeast Asia: the quest for moral authority*, Stanford, CA: Stanford University Press
- Anderson, Benedict 1990, *Language and Power: Exploring Political Culture in Indonesia*, Ithaca, Cornell University.
- Antlöv, Hans & Cederroth, Sven 2004, *Elections in Indonesia. The New Order and beyond*, London & New York, RoutledgeCurzon.
- Cardoso de Oliveira, Luis Roberto 2007, 'Peut-on parler de violence sans agression morale ?', *Vibrant — Virtual Brazilian Anthropology*. Volume 4.1: 5-26. http://www.vibrant.org.br/portugues/artigosv4n1.htm#v4n1_oliveira
- _____. 2007a 'Honneur, Dignité et Réciprocité.' In: Alan Caillé (org). *La quête de reconnaissance : nouveau phénomène social total*, Paris, Éditions La Découverte, pp. 89-103.
- Comaroff, John & Comaroff, Jean 1998, *Of Revelation and Revolution*. Volume 2: *The Dialectics of Modernity on a South African Frontier*, Chicago, The University of Chicago Press.
- Feijó, Rui G. 2006, *Timor. Paisagem Tropical com Gente Dentro*, Lisboa, Campo da Comunicação.

- Forman; Shepard. 1980, 'Descent, alliance, and Exchange Ideology among the Makassae of East Timor' In: Fox, James (org.) *The Flow of Life: Essays in Eastern Indonesia*, Cambridge, Harvard University Press.
- Fox, James 1980, 'Introduction'. In: *The Flow of Life: Essays in Eastern Indonesia*. Cambridge, Harvard University Press.
- Hohe, Tanja. 2002. 'Totem Polls: Indigenous Concepts and 'Free and Fair' elections in East Timor', *International Peacekeeping*, vol. 9, nº 4, 69-88.
- Mattoso, José. 2005, *A dignidade. Konis Santana e a resistência timorense*, Lisboa, Temas e Debates.
- Macwilliam, Andrew and Bexley, Angie 2008, 'Performing Politics: The 2007 Parliamentary Elections in Timor-Leste'. *The Asia Pacific Journal of Anthropology*, 9:1, 66-82.
- RDTL/Ministério da Administração Estatal/Secretariado Técnico de Administração Eleitoral. 2007, *Timor-Leste. Ciclo Eleitoral 2007*. Dili. Disponível em: <http://www.stae.tl/docs/> . (Acessado em 20 de Agosto de 2008)
- Rees, Edward. 2004, *Under Pressure: FALINTIL-Forças de Defesa de Timor-Leste. Three Decades of Defense Force Development in Timor Leste*, Working Paper nº 139. Geneva Centre for the Democratic Control of Armed Forces (DCAF). Disponível em : http://www.dcaf.ch/publications/Working_Papers/139.pdf (Acessado em 30 de Setembro de 2008)
- Seixas, Paulo 2006, 'A campanha eleitoral: Notas de terreno'. In: *Timor-Leste: Viagens, Transições, Mediações*, Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa Editor.
- Silva, Kelly C.da 2004, *Paradoxos da autodeterminação. A construção do Estado nacional e práticas da ONU em Timor-Leste*. Tese de doutorado. Brasília: Mimeo.
- _____. 2007. 'A Bíblia como Constituição ou a Constituição como Bíblia?' *Horizontes Antropológicos* v. 13, 213-235.
- _____. 2008. *Processos de regionalização dos conflitos sociais em Timor-Leste*. Paper apresentado nos seminários do DAN. Universidade de Brasília. Mimeo.
- Silva, Kelly C. & Simiao, Daniel S. 2007, *Timor-Leste por trás do palco. Cooperação internacional e a dialética da construção do Estado*, Belo Horizonte, Editora UFMG.
- Taylor, Charles 1993, 'The politics of recognition'. In: Gutmann, Amy (org.) *Multiculturalism: examining the politics of recognition*, Princeton, Princeton University Press, p. 25.73

Fontes Primárias

- Curriculum Vitae Xavier do Amaral. 2007, Dili, Mimeo.
- Dr Manuel 2007, Folder de campanha de Manuel Tilman, (Dili), [s.i.]
- Vota Lu Olo 20007, Folder de Campanha de Lu Olo*, (Dili), [s.i.]
- Vota Lu Olo 2007, Libreto de campanha de Lu Olo*, (Dili): [s.i.]
- Vota ba Lasama 2007, Folder de Campanha de Fernando Lassamat*. (Dili): [s.i.]
- FRETILIN 2007, *Maubere oan sira hamrik ba*. Vídeo de campanha da FRETILIN. Dili, 42'